



A  
VINGANÇA  
DO  
JUDEU

EDITORA  
EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 400 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita: iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - [www.editoraeme.com.br](http://www.editoraeme.com.br)

A  
VINGANÇA  
DO JUDEU

*Romance mediúnico*

Conde J. W. Rochester (espírito)  
Vera Kryzhanovskaia (médium)

Tradução de Cristina Florez

Capivari-SP  
- 2014 -

© 2014 Editora EME

Todos os direitos desta tradução são de exclusividade da Editora EME, cedidos pela tradutora, Cristina Florez.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - outubro/2014 - 5.000 exemplares

TRADUÇÃO | Cristina Florez

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO | Editora EME

REVISÃO DA TRADUÇÃO | Matheus Rodrigues de Camargo

#### Ficha catalográfica

Rochester, J. W. (espírito)

A vingança do judeu / pelo espírito J. W. Rochester;  
[psicografado por] Vera Kryzhanovskaia - 1ª ed. outubro 2014 -  
Capivari, SP : Editora EME.

424 p.

ISBN 978-85-66805-43-7

1. Romance mediúnico. 2. Romance social moderno. 3. Espiritismo. 4. Mediunidade. I. TÍTULO.

CDD 133.9

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE – A LUTA DE PRECONCEITOS

O milionário .....	9
Uma paixão arrebatadora .....	25
O padre Martinho de Rothey .....	43
O noivo judeu .....	57
Novo sacrifício pela honra da família .....	83
O fim do sonho de Samuel.....	115
Samuel e sua mulher .....	157
A vingança do judeu.....	179
O baile de máscaras e suas consequências .....	193

## SEGUNDA PARTE – O HOMEM PROPÕE, DEUS DISPÕE

Tribunal de família.....	231
A voz de além-túmulo.....	255
A conversão do ateu .....	265
A confissão .....	287
A reconciliação .....	297
Os degraus da escada .....	317
Não se aproveita um bem conseguido pelo mal .....	347
A Nêmesis .....	357
Dívida paga.....	379
A viuvez .....	395
A carta de Raul .....	409



PRIMEIRA PARTE  
A LUTA DE PRECONCEITOS





# O MILIONÁRIO

NUM BELO DIA de primavera do ano de 1862, uma elegante carruagem, puxada por dois soberbos cavalos a trote, atravessava as animadas ruas de Budapeste. Diante de uma grande mansão, situada no bairro mais aristocrático da cidade, os vigorosos animais pararam e um lacaios elegantemente uniformizado abriu a portinhola do coche. Um belo rapaz, trajado nos rigores da última moda, saltou com agilidade e, após responder com um leve gesto de cabeça à reverente saudação do porteiro, pôs-se a subir lentamente a vasta escadaria de corrimão dourado, que conduzia aos aposentos do primeiro andar.

- Vosso pai perguntou por vós, senhor - informou um dos criados da casa, enquanto apanhava o chapéu e o sobretudo do recém-chegado. - O patrão encontra-se no escritório, mas pede que o aguardeis em seu gabinete.

Sem nada responder, o jovem atravessou vários salões, mobiliados com luxo excessivo, e por fim entrou no gabinete do pai. Era um amplo cômodo decorado com ainda mais riqueza e gosto duvidoso, o que o distinguia dos demais aposentos: todas as peças do mobiliário eram douradas; espesso tapete cobria o assoalho; preciosas obras de arte, num disparatado conjunto, amontoavam-se, aqui e acolá, sobre mesas e consoles. Os únicos indícios de que se estava no gabinete de um homem de negócios eram a grande mesa de trabalho, carregada de papéis, e o volumoso cofre maciço, à prova de fogo.

Depois de caminhar impaciente de um lado para o outro, por alguns instantes, o rapaz deixou-se cair numa poltrona e, com a cabeça recostada no espaldar, o queixo apontado para cima, o cenho franzido, deixou-se absorver por seus pensamentos.

O velho banqueiro Abraão Maier era aquele tipo de israelita que, saído do nada, havia conseguido amealhar imensa fortuna, não se sabe como. Nascido em um armazém miserável de uma cidadezinha provinciana, tinha começado a vida como mascate. Levando um fardo de objetos miúdos às costas, percorrera o país em todas as direções, sem desprezar o mais modesto vilarejo. Sóbrio, incansável e, além disso, beneficiado por um desses felizes acasos que parecem favorecer o trabalho dos semitas, depressa havia acumulado pequeno capital. Uma especulação bem-sucedida acabou por fazer dele, num piscar de olhos, um homem rico, e o tempo o transformou em um banqueiro milionário.

Embora Abraão se mantivesse israelita de corpo e alma, rígido observador da lei de Moisés, tinha dado a Samuel, seu único filho, uma educação bem liberal. O menino, gerado após o décimo segundo ano de matrimônio e cujo nascimento havia custado a vida da mãe, era seu tesouro, o objeto de toda a sua afeição. Para esse filho o banqueiro trabalhava e acumulava novas riquezas sem cessar, nada negligenciando para o aprimoramento da educação do rapaz.

Contudo, é preciso dizer, em favor do jovem Samuel Maier, que ele soube aproveitar amplamente os meios que o pai colocara à sua disposição: de início, havia estudado sob a orientação dos melhores professores e, na universidade, fora aluno brilhante. Mais tarde viajara, a fim de dar um último verniz à sua educação. Falava seis idiomas, pintava muito bem e era músico habilidoso. Altamente dotado, mas orgulhoso e passional ao extremo, Samuel detestava sua origem judaica, que já lhe havia causado diversos dissabores e que mantinha fechadas para ele as portas das casas verdadeiramente aristocráticas, que tanto almejava frequentar.

Como o pai lhe permitia satisfazer seus gostos, Samuel levava vida de fidalgo. Cultivava os esportes e tinha criado relações entre os antigos companheiros de estudos e a áurea juventude local, que frequentava de boa vontade suas festas e que, vez ou outra, emprestava dinheiro dele.

Não raro, amigos de longa data observavam a Abraão o fato de seu filho jamais pôr os pés na sinagoga, negligenciando abertamente as determinações da lei mosaica e buscando somente a sociedade e os costumes cristãos. Em tais ocasiões, o velho banqueiro se limitava a balançar a cabeça, respondendo com um risinho seco:

- É preciso deixar que ele viva a juventude. Os próprios cristãos se

encarregarão de fazê-lo perder o encanto por sua amizade, e, desiludido, ele retornará de coração aberto à religião de seus pais, a qual, apesar das aparências em contrário, pulsa em sua alma. Samuel tem apenas 25 anos. É consciencioso no trabalho e tem instinto para os negócios. Uma vez passadas as extravagâncias da mocidade, estará apto a tornar-se meu digno sucessor.

Um bom tempo tinha passado desde a chegada de Samuel, que, mergulhado em seus pensamentos sombrios, não notou que a majestosa porta do gabinete se abria e um homem idoso, barbas brancas, magro, o corpo curvado, estava encostado nela, observando-o com olhar inquiridor. Ao finalmente se dar conta da presença do pai, o rapaz levantou-se, passando as mãos pelos cabelos fartos.

– Que maldição ter nascido judeu! – exclamou com a voz sufocada pela cólera e pelo desespero. – Pertencer a essa raça desprezada cujo estigma nenhuma educação ou riqueza conseguem apagar!

– Engana-te, meu filho – observou o pai. – O ouro faz cair por terra os preconceitos mais arraigados. Os orgulhosos cristãos não hesitam em curvar-se diante do judeu menosprezado, sempre que dele pretendem obter um pouco desse metal que não guarda estigma pelo fato de ter passado por nossas mãos. Mas desde quando te veio a estranha ideia de desprezar tua raça e desejar ser cristão? – o banqueiro indagou, após ter fechado cuidadosamente a porta do gabinete. – Será porque essa gente vem muito pouco às nossas reuniões? – ele finalizou com um sorriso malicioso.

– Sim, os cristãos frequentam nossas reuniões, mas apenas aqueles que têm negócios conosco, ou que temem ofender-te porque têm obrigações contigo – revidou Samuel, com amargura. – Apesar de nossa hospitalidade, e da delicadeza e tom de igualdade que demonstram, vibra em suas atitudes uma nota que me faz ferver o sangue. A quantos desses antigos companheiros de estudo e oficiais que se comprimem entre os convidados de nossas festas e jantares tenho emprestado dinheiro, sem jamais pedir de volta um único centavo! Assim que a ocasião se apresenta, no entanto, eles me têm retribuído com brutal rejeição, fazendo-me sentir o abismo que minha origem coloca entre nós.

– São imbecis, ingratos e arrogantes como todos os góis<sup>1</sup> – disse o

---

1 Entre os judeus, expressão usada para se referir a quem não é hebreu. Vem do ídiche, língua de comunidades judaicas da Europa central e oriental baseada no alemão e em elementos hebraicos.

velho pai, indo acomodar-se em uma poltrona. – Tu mesmo reconheces que essa gente não vem aqui senão por interesse, e ainda assim desejas ser um deles? És injusto, Samuel, para com o Deus de nossos pais! Não te deu Ele tudo para ser feliz e até mesmo invejado? Não és jovem, saudável de corpo e de espírito e imensamente rico? Cuidado para não te tornares ingrato, filho, e excessivamente ligado aos nossos inimigos. Eles te hão de bajular, enquanto de ti necessitarem, mas não hesitarão em te rechaçar como a um cão imundo quando não mais precisarem de ti. Mas já que abordamos esse assunto, gostaria de te fazer uma pergunta: o que se passa contigo, Samuel? Há meses que noto, com tristeza, que estás mudado. Andas pálido, distraído, nervoso, negligente nos negócios. O que te aflige?

– Serás complacente para me ouvir, pai? Sei que minha confiança te parecerá odiosa e, todavia, morrerei se... se...

Samuel deixou-se cair novamente na poltrona onde antes estivera sentado, e passou um lenço pelo rosto em brasa.

– Qualquer que seja a confissão que me tenhas a fazer, acredito ter o direito de conhecer a verdade. Afinal, tens contado invariavelmente com minha indulgência paternal.

– Tens razão, meu pai. Devo-te toda a verdade. Escuta-me com paciência.

“Como é de vosso conhecimento, sete meses atrás eu me encontrava em nossa propriedade de Rudenhof. Conforme meu costume, saí para um passeio matinal pela floresta, que se estende pelas terras do conde M. De súbito, um ruído de galhos que se quebravam e uma voz feminina que gritava por socorro chegaram aos meus ouvidos. Precipitando-me na direção de onde vinham, avistei um cavalo caído e, ao lado, a amazona que o montava. Quando me aproximei, o animal se pôs em pé, preparando-se para retomar a marcha e arrastar consigo a dama, cujo pé se estava preso ao estribo. Alcancei-a de um salto, tomei as rédeas com uma das mãos, enquanto com a outra retirava o pé do estribo. Não era sem tempo, pois o cavalo, assustado, saltou para o lado e arrancou-me as rédeas da mão para fugir em disparada. Inclinei-me para a dama, ainda estirada por terra, e ajudei-a a levantar-se. Era uma jovem que eu nunca tinha visto, mas dona de uma beleza tão admirável que me deixou fascinado. Seu chapéu tombara e duas tranças espessas, de um loiro acinzentado, caíam-lhe em

desordem sobre os ombros. De repente, vi que algumas gotas de sangue corriam em sua testa:

“– Vós vos feristes ao cair? – indaguei, assustado.

“Ela ergueu para mim seus grandes olhos, de um azul profundo, sem nada responder. Acreditando que o susto lhe houvesse roubado a fala, compreendi que seria preciso lavar e proteger o ferimento. Não longe de onde estávamos havia uma fonte junto à qual diversas vezes eu repousara. Corri até lá e molhei o lenço na água. Ao regressar, entretanto, encontrei a jovem desfalecida. Umedeci-lhe as têmporas e protegi o ferimento, que na verdade era insignificante, mas não obtive resultado: ela permanecia desacordada, e me vi em uma situação embaraçosa. Ignorava seu nome e o local onde ela morava, contudo, eu não podia nem queria deixá-la ali para buscar socorro, pois a essa altura a jovem dama já exercia sobre mim tal fascínio que me mantinha cativo a seu lado. Num ímpeto, tomei-a no colo e pus-me a caminhar rumo à nossa propriedade. O percurso era longo, sobretudo com o precioso fardo nos braços, cujo transporte exigia todo cuidado. Porém, pai, eu te juro, não teria desejado de modo algum abreviá-lo. Não conseguia tirar os olhos daquela criatura adorável. O contato com seu corpo leve e frágil me embriagava.

“Ao ver-me chegar ofegante, tendo nos braços uma mulher desfalecida, os nossos correram e providenciaram um leito onde acomodá-la. Foi quando meu criado de quarto, que se apressava em trazer um travesseiro, exclamou, tomado de surpresa:

“– Mas essa é a jovem condessa de M., senhor, irmã do conde Rodolfo. Conheço-lhe a camareira e já a tinha visto em ocasiões anteriores.

“Ordenei-lhe então que enviasse um homem a cavalo, imediatamente, para comunicar ao conde que sua irmã se encontrava a salvo em nossa residência.”

– Esse conde Rodolfo de M. não é um oficial de cavalaria que com frequência vem te ver, cujo pai é membro da corte? – disse o velho hebreu.

– Sim, meu pai, é ele mesmo.

– Não sabias que ele tinha uma irmã? – Abraão indagou com um sorriso irônico. – Talvez também ignores que o conde Rodolfo e o pai, esses tão nobres fidalgos, estão mergulhados até o pescoço em dívidas. Tenho na carteira mais de uma letra de câmbio de pai e filho. Mas continua tua narrativa.

– Bem, graças aos meus cuidados, Valéria (esse é o nome da condessa)

não tardou em abrir os olhos, pondo-se a me agradecer efusivamente por tê-la salvado.

“– Exagerais, condessa – eu disse, rindo. – Meu único mérito é ter chegado a tempo.

“Mas quando ela soube que eu mandara avisar sua família, estendeu-me a mão com tal sorriso que não pude resistir e levei sua mão aos meus lábios. Ela aceitou um refresco e me informou que chegara ao campo fazia pouco tempo. Contou-me também que, após ter concluído sua educação em um internato na Suíça, havia passado um ano na Itália, em companhia de uma parenta. Agora, desejava que nos tornássemos bons vizinhos.

“Era em êxtase que eu ouvia esse seu balbucio, e quando seus olhos azuis, límpidos e sorridentes, encontravam os meus, sentia como se meu coração estivesse a ponto de explodir. Estava enfeitado.

“A chegada do conde Rodolfo interrompeu nossa conversa. Ele abraçou a irmã e me agradeceu cordialmente a ajuda e a notícia que enviara, a qual tinha posto fim a uma funesta apreensão: o cavalo de Valéria retornara espumando e com os joelhos ensanguentados. Em seguida pediu que voltassem logo para casa, para tranquilizar o pai, e lhe ofereceu o braço. Eu os acompanhei até a entrada. Despedindo-se, Valéria me disse, com um aperto de mão:

“– Espero ver-vos muitas vezes em nossa casa. Papai e Rodolfo ficarão felizes em poder expressar sua gratidão ao meu salvador. Se não fosse por vós, eu teria quebrado a cabeça contra as pedras e raízes.

“Percebi naquele instante o olhar de surpresa que o conde Rodolfo lançava para a irmã ao ouvir suas palavras, nada dizendo para reforçar o convite que ela acabava de fazer.

“– Aposto, Valéria, que ainda não sabes o nome de teu salvador – ele murmurou, torcendo o bigode. – Permite-me reparar tal esquecimento, apresentando-te o senhor Samuel Maier.

“O conde proferiu aquelas palavras em tom calmo e indiferente e, no entanto, elas tiveram sobre mim e Valéria o efeito de um golpe. A jovem olhou fixamente para o irmão e em seguida para mim. Então, sem dizer nada, entrou na carruagem da família, que se achava estacionada à nossa porta. Rodolfo a seguiu com presteza e, após levar a mão à borda do chapéu, chicoteou os cavalos, colocando o veículo em movimento.

“Quando entrei em casa, tinha o coração pesado. Compreendera a

vaga insinuação do conde e pressentira seu resultado. Minha razão e meu orgulho me recomendavam que esquecesse o incidente, mas, pobre de mim, a fatalidade me havia atingido. A lembrança de Valéria roubava-me o sossego. Dia e noite recordava seu rosto encantador, seu sorriso que me fascinava. Dominado por uma força superior à minha vontade, dirigi-me à residência dos M. Lá, fui informado de que os dois senhores se encontravam na cidade e de que a condessa estava indisposta, impossibilitada de receber a quem quer que fosse, o que não a impediu, contudo, de sair para um passeio de carruagem naquela mesma noite. O repúdio era evidente, mas ainda assim arrisquei uma segunda visita, novamente em vão. Só me restava sofrer em silêncio aquela afronta tão pouco merecida por um serviço prestado. Que posso dizer-te, pai? A despeito da revolta que me consumia, encontrava-me de tal modo entregue à minha própria fraqueza, que continuei a buscar cada oportunidade de ver Valéria, em segredo. Eu a vi diversas vezes em seus passeios habituais, outras, no teatro. Rodolfo vinha ocasionalmente à nossa casa com a naturalidade de sempre, mas sem uma única palavra sobre a irmã.

“Ontem à noite, inesperadamente encontrei Valéria em casa do barão de Kirchberg. Ao ver-me, ela enrubesceu e evitou meu olhar, mas decidi que não perderia aquela oportunidade de falar-lhe. Aproveitando um momento em que ela se encontrava só na estufa, aproximei-me:

“- Perdoe-me por importuná-la, condessa - eu disse, inclinando-me -, mas gostaria de saber a razão da mudança de vosso proceder comigo. Após me ter tratado com tanta benevolência, a ponto de me convidar a visitar-vos, por que jamais me recebestes?

“Ela empalideceu, medindo-me com um olhar de orgulhoso desdém:

“- Pedis uma explicação, senhor, que seria melhor evitar - ela revistou num tom frio e ríspido, de que eu julgara incapaz aqueles lábios de rubi. - Sou-vos grata pelo serviço prestado e é por isso que vos perdoou pela liberdade de tom, e pela familiaridade que usastes comigo, a ponto de me fazer acreditar que fôsseis um dos nobres nossos vizinhos. Quando soube da verdade, tive que proceder como me cabia; somos muito seletivos em nosso círculo, senhor Maier. Devo respeitar a suscetibilidade daqueles que frequentam os salões de meu pai; não lhes posso impor que convivam com pessoas das quais os separam *um preconceito de raça*.

“Aquelas palavras deixavam claro que eu era um pária aos olhos

daquela donzela a quem adorava, assim como aos olhos daqueles que pertenciam à sua orgulhosa casta; senti como se o sangue me gelasse nas veias, e minha vista tornou-se turva. Sem dúvida ela percebeu o que se passava em meu íntimo, pois mudou subitamente de tom e pousou a mão delicada em meu braço.

“- Estais tão pálido, senhor Maier! - ela murmurou, ansiosa. - Porventura vos sentis mal?

“Recuei, como picado por uma víbora.

“- Admira-me, condessa, que não vos cause ojeriza tocar num homem tão inferior a vós com vossas aristocráticas mãos. Permiti apenas que eu vos apresente meus sentimentos e minhas desculpas por vos ter tirado de sob as patas de seu cavalo, sem me dar conta de que homens de minha raça afrontam os privilegiados a quem prestam serviço. Jamais esquecerei essa lição! Só mais uma pergunta e vos deixarei em paz, livre de minha inconveniente presença - acrescentei, ao ver que ela me dava as costas, furiosa. - Foi vosso irmão quem vos esclareceu a suscetibilidade das pessoas de vossas relações e as desigualdades criadas entre os homens pelos preconceitos de raça?

“- Sim. Rodolfo me fez compreender que me havia portado de modo pouco conveniente.

“- Sabeis, por acaso, em que situação *ele próprio* se encontra em relação a mim?

“Valéria corou e olhou-me com despeito.

“- Meu irmão disse que vos conhecia e que comparece ocasionalmente em vossa residência, devido a negócios que mantém com vosso estabelecimento bancário. O fato é que a sociedade não exige tantos escrúpulos de um homem em suas relações, coisa que muda completamente de figura quando se trata de uma mulher.

“Enquanto ela ainda falava, retirei de minha carteira um bilhete que Rodolfo me enviara havia quinze dias, no qual requisitava grande soma com a finalidade de saldar dívidas de jogo, rogando-me que o tirasse daquela situação crítica e chamando-me de *amigo*.

“- Então, vede por vós mesma, condessa, como vosso irmão tira ampla vantagem do privilégio masculino de poder abrir mão desses escrúpulos, e que os preconceitos de raça do senhor conde desaparecem quando o assunto é dinheiro.



“Enrubescida, Valéria arrancou-me o bilhete das mãos e passou os olhos rapidamente pelo conteúdo. Ao ler as palavras ‘vosso dedicado e agradecido amigo’, acima da assinatura do irmão, mordeu o lábio inferior e estendeu-me o papel em silêncio; eu afastei sua mão:

“- Guardai o bilhete, condessa. Ele vos dirá, melhor que eu, se mereci tamanho desprezo por ter salvado a vida da irmã e auxiliado o irmão em momento difícil, auxílio esse absolutamente desinteressado, pois o conde Rodolfo não se encontra em condições de restituir-me tão vultosa quantia. Conheço bem os negócios de vosso irmão.

“Sem dar a Valéria tempo de me responder, retirei-me. Segui, então, para nossa casa de campo, pois necessitava de ar e de exercício para me refazer.”

Samuel calou-se como se estivesse esgotado, e afastou os negros anéis de cabelo que se lhe colavam à frente. O velho banqueiro ouvira a longa narrativa do filho em silêncio, enquanto cofiava a barba branca, fixando no rapaz, vez por outra, um olhar em que se misturavam piedade e satisfação íntima.

- Pois então dize o que queres fazer agora. Destruir aqueles canalhas, suponho - perguntou Abraão, após um silêncio.

- Sim, pai, mas não da maneira como imaginas. Por ora desejaria ter em mãos todas as dívidas e letras de câmbio assinadas pelos dois condes de M. Estás disposto a ajudar-me nisso?

- Por que eu não haveria de concordar com um desejo tão justo? Não és meu único herdeiro? Mandarei agora mesmo chamar Levi, e encaminharemos esse assunto segundo tua vontade.

Passados dez minutos, um homem idoso de tipo marcadamente semítico entrou no gabinete do rico banqueiro: era Josué Levi, seu homem de confiança e braço direito.

- Meu caro Levi - disse Abraão, respondendo com um leve aceno de cabeça à saudação humilde e profunda do subordinado -, desejo ter em minhas mãos todas as dívidas e letras de câmbio assinadas pelos condes de M., pai e filho. Converse com os homens de negócio da cidade que possam estar em poder de tais títulos. Tens seis semanas para concluir essa operação. Não te deixarei de recompensar o zelo.

- Gostaria de lembrar-vos, senhor Maier, que esses documentos têm valor muito duvidoso - observou Levi. - Os dois condes são jogadores

inveterados e gastam além de seus rendimentos. As propriedades da família estão hipotecadas, e acredito que eles não terão meios de quitar os débitos.

– Isso não altera minha decisão – disse o velho. – Localiza esses papéis, ainda que tenhamos prejuízo. Assim que estiverem em sua posse, entrega-os a Samuel. E tu, meu filho, trata de repousar, que não estás em condições de trabalhar. Por ora, eu o farei por nós dois. Vai, que preciso falar de negócios com Levi.

Cerca de três semanas após os diálogos que acabamos de narrar, encontramos a jovem Valéria e sua melhor amiga, a condessa Antonieta d'Éberstein, reunidas na residência dos M., num aposento encantador, todo revestido de seda azul e decorado com uma profusão das mais raras flores. O contraste entre as duas era total: a pequena e frágil Valéria, cuja pele alva, cabelos louros e gestos graciosos lhe valiam o carinhoso apelido de "Fada", parecia uma criança ao lado da alta e majestosa Antonieta, com suas tranças negras, olhos brilhantes e ar determinado.

Amigas desde a infância e educadas no mesmo internato, as duas moças amavam-se sinceramente e costumavam passar semanas juntas, uma vez que Antonieta era considerada e tratada como sendo da família, na residência dos M.

Distraída e pensativa, Antonieta folheava uma revista ilustrada, lançando de vez em quando um olhar inquiridor para a amiga, que, recostada contra as almofadas de um pequeno divã, parecia sonhar, o olhar distante, perdido no vazio. Embora já fosse quase meio-dia, trajava ainda um penhoar branco e suas mãos pequenas brincavam com as extremidades da faixa que lhe cingia a cintura. Já sem poder se conter, Antonieta pôs de lado a revista e levantou-se:

– Não, isso não pode continuar assim! O que se passa contigo, Valéria? Essa palidez, essa tristeza, essas meditações sem fim, isso tem que ter um motivo. Vamos, abre teu coração. Afinal de contas, juramos nunca ter segredos uma com a outra.

Valéria endireitou-se no divã.

– Como és atrevida! – ela disse, tomando a mão da amiga para que ela se sentasse ao seu lado. – Tens razão: de ti nada posso ocultar. Mas antes que eu te fale, jura guardar segredo de tudo quanto eu te confidenciar, pois aos meus pesares se misturam alguns problemas de Rodolfo.

O rosto de Antonieta enrubesceu à menção do nome do jovem conde, fato que Valéria nem percebeu, mergulhada que estava em seus próprios pensamentos, continuando a falar:

- Sim, vou contar-te tudo. Começarei pelo acidente de que fui vítima no final de setembro, três semanas antes de teu regresso.

- Ah, tua queda do cavalo? Teu irmão me contou sobre esse acidente. Disse que não foi nada grave, nada que te afetasse a saúde.

- Tu te enganas: eu poderia ter morrido! Mas não sabes a quem devo o final feliz de minha perigosa aventura. Nunca te disse o nome desse personagem, para poupar meu pai e meu irmão de um desgosto.

- É mesmo estranho que ninguém tenha mencionado o nome daquele que te prestou tão valioso serviço... - observou Antonieta.

- Deixa que eu te conte a história em detalhe - Valéria sugeriu, depois de ligeira hesitação. - Quando meu cavalo Febo caiu e levou-me com ele, bati minha cabeça contra o solo com tamanha violência, que minha vista ficou turva. Mesmo assim, pude perceber vagamente que, pouco após a queda, o animal se levantara e estava prestes a me arrastar pela mata - meu pé ainda preso ao estribo. Quando o torpor se dissipou, dei-me conta de que estava nos braços de um belo jovem, que procurava acomodar-me à sombra de frondosa árvore. Depois disso, nada mais pude ver, pois desfaleci. Quando recobrei os sentidos, encontrava-me já deitada sobre um divã, tendo à minha direita o mesmo jovem, que se mantinha ajoelhado e me dava essências para aspirar; do lado oposto, vi a figura de uma criada de aspecto respeitável, a prestar-lhe assistência. Notei que meu salvador era homem de beleza incomum. Apenas sua pele, de um moreno pálido, e o perfil de seu rosto pareciam indicar uma origem estrangeira.

"Ele providenciou para que me servissem refrescos, conversou comigo, e eu me deixei levar sem reservas pelo interesse que ele me inspirava, julgando que estava tratando com um igual, por suas maneiras refinadas e pela riqueza do mobiliário. Ao tomar conhecimento de que ele tivera o cuidado de mandar avisar minha família sobre o que se passara e sobre o meu paradeiro, estendi-lhe a mão, que ele beijou com um ardor sem dissimulação, fazendo-me corar. Rodolfo chegou pouco depois. Ao despedir-me de meu salvador, convidei-o a visitar nossa residência. Bem podes imaginar meu embaraço quando meu irmão, lançando-me um daqueles olhares que tu bem conheces, apresentou-me o jovem: era o senhor Samuel Maier."

- O que dizes? Samuel Maier, o filho do judeu milionário? - exclamou Antonieta e, tomada por um acesso de riso, deixou-se cair sobre o divã. - Minha pobre amiga, compreendo teu embaraço; ser conduzida nos braços de um judeu... Cruz credo! Imaginar tua linda cabecinha loira descansando contra o peito de um homem dessa raça é simplesmente odioso.

- Mas isso é pouco, se pensar que um homem de tão bela aparência e de maneiras tão refinadas é um judeu puro sangue, nem sequer batizado... - continuou a jovem, com certa hesitação.

Atônita, Antonieta observou a face rubra e a expressão agitada da amiga:

- Acreditas sinceramente que o batismo tenha o poder de apagar as marcas de uma tal origem? E para quê?... De qualquer modo, ainda não compreendo o porquê dessa tua lamentação...

- Deixa que eu prossiga - pediu Valéria. - Maier apresentou-se duas vezes em nossa residência, uma no campo, outra aqui. Todavia, por ordem de meu pai e de Rodolfo, não foi recebido.

- Bem, espero que não encontres o que censurar nessa determinação de teus familiares, tão sensata - interrompeu a atrevida Antonieta. - Afinal, foste poupada do desprazer de ver em tua casa esse homem que, na certa, exala o desagradável odor característico da raça judia. Por que me olhas com tal espanto? Esse cheiro hereditário é um fato!

- Não, não - Valéria corrigiu, rindo com franqueza. - Esse rapaz não exala mau odor algum. Estava perfumado com discrição, como qualquer um de nós, e seus trajes eram da mais elegante simplicidade.

- Toma cuidado, Valéria, que estás a defender demais esse judeu! Já começo a suspeitar de uma loucura - exclamou Antonieta, demonstrando inquietude.

- Não temas. Mas se não parar de me interromper, não vais conhecer a parte mais importante da história. Há cerca de três semanas encontrei inesperadamente esse Maier em casa do barão Kirchberg. Acreditas que ele questionou a razão de minha mudança de atitude? Mais ainda, exigiu uma explicação do porquê, tendo-o convidado a visitar-nos, eu nunca estar disponível para ele.

- É bem judeu não compreender a razão dessa indisponibilidade...

- Calcula, minha querida, que ele fingia não compreender nossas razões para isso. E o que mais me enfurecia era o embaraço que essa

situação me causava, porque mostrar a porta da rua a alguém que nos salvou a vida não deixa de ser uma ingratidão.

- Ah!, mas é um judeu! - interpôs Antonieta.

- Sem dúvida, mas, apesar de tudo, eu me sentia irritada, e o fiz compreender, com certa crueldade, que ele não pertence ao nosso meio. Ele se sentiu ofendido, pois seu rosto tornou-se muito pálido, a ponto de eu imaginar que ele iria desfalecer. Dirigi-lhe algumas palavras de compaixão, mas não és capaz de imaginar a resposta insolente que ele me deu, fazendo-me lembrar da estima que o ouro dos judeus costuma inspirar nos cristãos! Com os olhos inflamados de cólera e desprezo, estendeu-me um bilhete de Rodolfo, no qual meu irmão lhe pedia emprestada alta quantia, chamando-o de amigo. Após acrescentar que nossos negócios encontravam-se à beira da falência, retirou-se sem que eu tivesse tempo de responder.

Valéria levantou-se de um salto e correu até uma pequena peça do mobiliário, de onde retirou um papel:

- Lê, aqui está o bilhete - ela pediu, entregando o papel à amiga. - Não ousei mostrá-lo a Rodolfo, embora saiba que ele ainda não restituiu o dinheiro.

Com a mão trêmula, Antonieta segurou o bilhete, cujo conteúdo percorreu rapidamente com os olhos.

- Como sabes que o dinheiro não foi restituído?

- Não reparaste na maneira como meu irmão termina o bilhete? - Valéria apontou para as linhas finais da mensagem: - "Meu prezado Samuel, deixo-te esta carta como garantia de que minha dívida será quitada com a primeira soma de que eu dispuser. Nessa ocasião, me devolverás esta nota que ora deixo em tuas discretas mãos".

- Bem, antes de qualquer coisa, é preciso saber se Rodolfo não pagou a esse avaro miserável e esqueceu-se de pedir-lhe de volta o bilhete. Os jovens são tão imprudentes, não é mesmo? - comentou Antonieta, que nutria evidente interesse pelos negócios do jovem conde.

- Que grave problema vos inquieta, senhoritas? - perguntou inesperadamente uma voz sonora, e Rodolfo, alegre e sorridente, aproximou-se das duas moças, que de tão absortas sequer notaram a entrada do rapaz.

- Vejamos se me qualifico para deliberar a questão em pauta. Tens as faces coradas, Valéria. E vós... - mas o conde calou-se, ficando também

vermelho, e arrancou com violência o bilhete que acabara de perceber na mão de Antonieta.

- Como é que esse papel veio parar em vossas mãos? - ele inquiriu, com voz abafada. - Será que Maier teve a coragem de se apresentar diante de Valéria com suas queixas?

- Não, não, foi por outro motivo que ele me entregou essa carta. Ouve-me - e a jovem discorreu brevemente acerca da conversa que tivera com o banqueiro, por ocasião da recepção em casa do barão de Kirchberg.

Rodolfo a escutou de cabeça baixa, enquanto mordiscava nervosamente o fino bigode loiro.

- De qualquer modo, Valéria, agiste mal tratando esse homem com desprezo tão evidente. É verdade que se trata de um judeu miserável, mas é também um milionário, capaz de nos fazer muito mais mal do que poderias supor ou compreender - o rapaz concluiu, com um suspiro.

- Ele declarou, impassível, que nossos negócios estão indo à bancarrota. Mas diz-me, ao menos lhe restituíste a quantia mencionada no bilhete? - ela indagou, ansiosa.

Rodolfo hesitou.

- Espero fazê-lo em breve.

- Em breve não! É preciso pagar hoje mesmo a esse impertinente, a esse usurário - decretou Antonieta, impulsiva. Tomando a mão do jovem conde nas suas, proseguiu, efusiva: - Rodolfo, sois meu amigo de infância. Se guardais algum afeto por vossa antiga companheira de brincadeiras, permiti que eu vos livre desse compromisso abominável. Tenho em minha residência dinheiro bastante para fazê-lo agora mesmo. Aceitai, reembolsai Maier, e me restituís quando puderdes. Vamos, dizei que sim, em nome de todos os doces e biscoitos que lealmente repartimos em outros tempos!

O olhar lacrimajante, ainda que travesso de Antonieta, exprimia uma rogativa de tal modo ardente que Rodolfo, vencido, levou aos lábios a delicada mão da jovem.

- E como eu poderia recusar uma oferta feita dessa maneira? Aceito, sim, com toda gratidão, pois sou vosso de corpo e alma.

- Obrigada, obrigada. Compreendo a renúncia que fazeis agora para aceitar minha ajuda - murmurou a jovem, corando. - Até mais tarde, então, amigos. Minha carruagem está lá embaixo. Vou e volto. Acalma-te, Fadinha querida, que tudo há de acabar bem.

Nesse exato momento, o cortinado da porta se abriu e um criado da casa entrou, reverente:

- Senhor conde, Josué Levi, empregado da Casa Bancária Maier & Filho, acaba de chegar para conversar com vosso pai. Foi informado de que Sua Excelência encontrava-se fora, e pede para falar convosco, pois se trata de assunto inadiável.

- Está bem. Conduze esse homem ao meu gabinete e dize-lhe que espere. Tão logo tenha acompanhado a condessa d'Éberstein à carruagem, irei ter com ele.





## UMA PAIXÃO ARREBATADORA

DEPOIS DE CONDUZIR Antonieta até o veículo que a levaria para casa e de ter trocado com ela um derradeiro olhar de carinho, Rodolfo dirigiu-se apressadamente a seu gabinete. O efeito da incômoda emoção que há pouco experimentara o deixara agitado, emprestando ao seu semblante uma expressão mais fria e arrogante que de costume. Mal respondendo à respeitosa saudação de Josué Levi, o jovem conde atirou sobre a mesa o bilhete que enviara a Samuel Maier, dizendo secamente:

- É evidente que vosso patrão deseja me fazer lembrar o conteúdo desta carta, da qual se desfez de maneira tão imprudente. Pois diga-lhe que não se preocupe, porque hoje mesmo essa soma lhe será integralmente restituída.

Ele sentou-se e apanhou um livro, indicando que a audiência estava terminada. Como o israelita permanecesse imóvel, Rodolfo lhe dirigiu um olhar de espanto:

- Considerai-vos dispensado, senhor Levi... Estou muito ocupado.

- Sinto muito importuná-lo ainda - disse o agente bancário, humildemente. - Asseguro-vos de que transmitirei a meu patrão a informação que me deste a honra de comunicar, todavia, minha vinda aqui tem outra finalidade: fui encarregado pelo senhor Maier de apresentar à Sua Excelência, o conde vosso pai, assim como a vós, diversos títulos em poder da Casa Bancária Maier & Filho, e de vos prevenir que o pagamento deverá ser efetuado em dez dias, sem falta.

Josué Levi abriu então uma grande pasta e expôs aos olhos espantados do jovem conde uma série de promissórias e letras de câmbio emitidas por ele e por seu pai a diferentes pessoas de Budapeste e proximidades. O valor total atingia uma cifra que causou vertigem a Rodolfo; mal podia crer

que ele e o pai tivessem gastado tamanha soma. Reunindo toda a energia de que dispunha, disse com voz rouca:

- Por que razão essas dívidas se encontram em vossas mãos?

- Vossas assinaturas têm valor de moeda corrente, senhor conde - respondeu o judeu com solicitude. - Esses papéis nos foram entregues em pagamento e aceitos sem qualquer restrição pela casa, que não duvida de que honraremos vossas obrigações. Peço vossa licença para lembrar-vos ainda, senhor conde, de que a maior parte desses títulos venceu há muito tempo, e que o prazo de dez dias é deferência à Sua Excelência, o conde vosso pai, a fim de proporcionar-lhe mais tempo para as necessárias providências. Tenho a honra de saudar o senhor conde!

- Esperai!

Rodolfo traçou rapidamente algumas linhas, nas quais pedia friamente a Maier que viesse até sua residência para se explicar sobre um mal-entendido.

- Esqueci-me de dizer que o patrão está enfermo - informou Levi, pegando a carta. - É o senhor Maier Filho que conduz todos os negócios agora, e é a ele mesmo que deveis dirigir-vos no que disser respeito a este caso.

E, saudando com obséquio redobrado, o israelita desapareceu atrás da porta.

Uma vez só em seu gabinete, Rodolfo levantou-se, levando as mãos à cabeça. Nem em sonho teriam como pagar tal soma; o não pagamento, por sua vez, representaria a ruína e a desonra dos M. Seu segundo pensamento foi de contar a seu pai.

O velho conde acabara de chegar à casa quando o filho irrompeu em seus aposentos e, com um gesto brusco, ordenou ao criado de quarto que se retirasse.

A perplexidade inicial causada por aquela atitude intempestiva cedeu lugar ao desespero que a verdade dos fatos colocava diante do conde. Em absoluta prostração, o velho fidalgo deixou-se afundar numa poltrona. Era a primeira vez que a maneira descuidada com que se havia entregado a tantos prazeres dispendiosos lhe causava remorso.

Contudo, não havia tempo para arrependimentos e lamúrias estéreis: era urgente encontrar uma maneira de atenuar o golpe que os ameaçava. Lápis e papel na mão, pai e filho fizeram um levantamento de tudo quanto

possuíam e concluíram que, ainda que se desfizessem da prataria, das joias da família, da cavalaria, das carruagens e das propriedades menos oneradas, seria impossível levantar a cifra necessária. Além disso, era necessário contar com as evidentes desvantagens de uma venda precipitada. Poderiam quitar a dívida com o judeu se entregassem os bens em leilão, e o velho fidalgo seria bem capaz de fazê-lo. No entanto, o que lhes restaria depois de tal escândalo? A miséria, era certo, e uma vergonha que jamais poderia ser apagada. Para Rodolfo, dar os bens da família em leilão representaria ter que abandonar o posto de oficial. Tentativas junto a agiotas tinham sido infrutíferas. Sombrio desânimo abateu-se sobre os dois homens, sobretudo porque nenhuma resposta foi dada à carta do jovem conde.

Transcorridos dois dias, uma inesperada notícia se espalhou pela cidade: Abraão Maier morreu repentinamente, vítima de uma apoplexia, que o levou a óbito passadas três horas. Quarenta e oito horas após o enterro do velho banqueiro, um bilhete lacônico chegou às mãos de Rodolfo. Nele, o herdeiro da Casa Bancária Maier & Filho informava que estaria recebendo aqueles que tivessem negócios a tratar com ele entre as onze da manhã e as três da tarde. Portanto, se o conde desejasse falar-lhe, poderia encontrá-lo em seu escritório no referido horário.

Indignado com mais uma afronta, o jovem oficial jurou a si mesmo que, se a Divina Providência o livrasse da ruína e da vergonha, haveria de renunciar às suas antigas loucuras e tornar-se um novo homem. Tais resoluções, todavia, em nada ajudavam no momento, e foi com o coração oprimido que Rodolfo tomou a decisão de encaminhar-se sem demora ao gabinete de Maier. O prazo para o pagamento da dívida terminaria em três dias e ele desejava poupar o pai de tão penosa entrevista.

Dirigiu-se ao estabelecimento e foi imediatamente conduzido ao gabinete do banqueiro, que o saudou com cerimônia, convidando-o a sentar-se. Um instante de incômodo silêncio se estabeleceu entre os dois rapazes num primeiro momento. Bastava que se olhasse para Samuel para saber que a morte do pai lhe causara profundo sofrimento: estava pálido e emagrecera. Uma ruga profunda marcava-lhe o espaço entre as sobrancelhas, e havia uma expressão de amargura em seu semblante.

– É penoso para mim, senhor Maier – começou Rodolfo, com uma irritação contida –, falar do negócio que me traz aqui, e deixai-me dizer que

conheço os motivos que vos fizeram agir como agistes. Pois bem! É vil buscar de todas as maneiras um meio de arruinar uma família por vingança contra uma jovem como minha irmã, e fazê-los pagar, por algumas palavras ofensivas, com a miséria e a desonra.

- Esqueceis - interrompeu friamente o banqueiro - que essas palavras lhe foram inspiradas pelas maliciosas explicações de seu irmão.

- Sim, é verdade, admito que sou o responsável pela ofensa que Valéria vos fez. Porém, senhor Maier, não sou o primeiro nem o último da minha casta a ser submetido aos preconceitos que sua raça há muito tempo se esforça por arraigar. E por tal razão quereis me destruir?

- Não. Depende de vós, conde, que nos arranjemos amigavelmente. Além disso, acredito que até hoje nunca sofrestes, de minha parte, com as qualidades odiosas que imputais à minha raça.

- Oh, se consentis num acordo amigável - disse o jovem conde com entusiasmo -, é de coração que me desculpo de vos ter ofendido, Samuel. Concedei-nos o prazo de um ano para que façamos ajustes na economia doméstica e algumas vendas sem grandes perdas, e vos quitaremos integralmente a dívida.

Um sorriso mordaz surgiu nos lábios do jovem israelita:

- Estais enganado se acreditais que se trata de um caso de desculpas entre nós, senhor conde. Não vos concedo uma única hora de adiamento, e se dentro de três dias vós e vosso pai não me houverem pago, mandarei penhorar todos os vossos bens. Todavia, existe uma terceira alternativa, cuja decisão de aceitar caberá exclusivamente a vós, e então destruirei todos os documentos de vossa dívida e não vos cobrarei mais nada.

- Não estou entendendo - balbuciou Rodolfo, aturdido -, o que quereis exigir de nós?

Num gesto que deixava transparecer nervosismo, Maier empurrou os papéis amontoados diante de si na mesa de trabalho. Um estranho brilho iluminava seu olhar.

- Ouvi com atenção, conde, a minha proposta: concedei-me a mão da condessa Valéria em casamento, e eu me encarregarei pessoalmente de invalidar todas as dívidas que pesam sobre o patrimônio da casa de M.

O rosto antes pálido de Rodolfo enrubesceu fortemente. Empurrando com violência a cadeira em que se sentava, o rapaz colocou-se em pé.

- Enlouqueceste, Maier? Estais a vos divertir com a nossa desgraça?

Valéria, vossa esposa? Esqueceis de que sois um... – o conde deixou a frase inconclusa.

– Um judeu! – completou Samuel em tom vibrante. – Mas deixo de sê-lo, me tornando cristão, pois tenho a intenção de me fazer batizar. Além disso, conhecendo o caráter orgulhoso de vossa irmã, já dei início às negociações necessárias para a compra de um antigo baronato, extinto em sua linhagem, para obter do governo o direito ao uso do título e ao nome das terras. É claro que eu preferiria conquistar Valéria de outra maneira, mas minha origem não me permite fazê-lo. Consequentemente, vejo-me forçado a lançar mão de todos os meios possíveis para ter junto de mim a mulher que me inspirou uma dessas paixões fatais e insensatas, capazes de destruir um homem e conduzi-lo, às vezes, a um crime... O que acabo de vos revelar custou a vida de meu pai, senhor conde. A perspectiva de me ver convertido ao cristianismo desencadeou o derrame cerebral que pôs termo à vida dele. Podeis concluir, portanto, que se tal ocorrência não foi capaz de abalar minha resolução, obstáculo algum me poderá deter. Eis, pois, os fatos. Tendes duas alternativas: conceder-me a mão de vossa irmã em casamento, ou a desonra. Concedo-vos três dias para decidir entre me aceitar como futuro marido da condessa Valéria ou encarar a ruína financeira. Pesai os fatos com frieza e minha proposta não vos parecerá descabida.

Incapaz de julgar friamente semelhante proposta, Rodolfo fitou Samuel com desprezo, enquanto um turbilhão de emoções bramava em seu íntimo:

– Só mesmo um judeu seria calculista a ponto de pesar as vantagens e desvantagens de semelhante arranjo – o jovem conde revidou com voz rouca e trêmula. – Ainda que fôssemos imundos o bastante para aceitar essa negociação vergonhosa, Valéria não se submeteria a isso. Aprendei, se ainda não o sabeis, senhor Maier: o coração de uma mulher se conquista, não se compra!

Sem dar a Samuel tempo de resposta, Rodolfo retirou-se, de modo que não pôde ver o intenso rubor que subira às faces do banqueiro, nem o ar sombrio que seus olhos haviam assumido.

– Conquistar o coração de uma mulher... – Samuel murmurou com amargura – é o que pretendo fazer quando o caminho até ela estiver aberto, seja a que preço for!

O velho conde de M. ficou a ponto de enlouquecer quando o filho lhe comunicou, transtornado, o resultado da entrevista que teve. Desolado e

incapaz de articular uma única palavra, o aristocrata deixou-se afundar numa poltrona. Só de pensar na hipótese de conceder a mão de sua filha, sua Valéria, àquele judeu insolente, tudo nele revirava, de desgosto e orgulho ultrajado.

– Ah, essa raça miserável, que há séculos vem se alimentando de sangue cristão! – murmurou, finalmente. – Aquele cão impuro, a despeito de seu verniz de civilizado, está ávido pelo sacrifício de carne humana, como na Idade Média! Jamais terei coragem para dizer à minha filha o que nos ousa propor. Pedir a ela que se submeta a tal arranjo seria o mesmo que condená-la à morte, e aceitar essa união seria uma desonra semelhante à ruína financeira.

– Sou da mesma opinião, meu pai. E também eu seria incapaz de dizer a verdade à minha irmã. Acho que estourar os miolos com um tiro certo seria uma saída mais honrosa, e colocaria fim ao nosso dilema.

O velho conde Egon baixou a cabeça, deprimido e fatigado. Oh, quanto amaldiçoava agora os excessos de sua mocidade, as loucuras da maturidade e o mau exemplo que dera ao filho, acabando por arrastá-lo ao caminho da leviandade e do desperdício.

Valéria, o objeto de toda essa agitação, permanecia alheia à tormenta que se armava na cabeça do pai e do irmão. Contudo, o nervosismo e a sombria apreensão que afligiam a seu pai e a Rodolfo não lhe tinham passado despercebidos. Um desespero silencioso e o pressentimento de uma desgraça iminente agitavam sua alma sensível. De natureza lânguida, frágil e impressionável, Valéria entregou-se à prostração em resposta à situação aflitiva que apenas suspeitava. Somente a presença da amiga Antonieta impediu que ela adoecesse, vítima da inquietação. Mas a angústia de Valéria chegou ao ápice quando os dois condes se desculparam e não compareceram, à noite, ao jantar, no mesmo dia da entrevista fatídica.

– Digo-te que algo terrível está para acontecer, algum tenebroso infortúnio ameaça nos atingir – exclamou para a amiga. – Pude ver isso hoje, do terraço de meu quarto, quando Rodolfo desceu da carruagem: seus passos eram trôpegos como os de um homem embriagado, e ele tinha o semblante como eu jamais vira antes. Quando mais tarde me dirigi aos aposentos de meu pai, na esperança de conversar com ele, não fui recebida. E agora meu irmão e papai não compareceram para o jantar... – a jovem levou as mãos à cabeça, exasperada. – Céus, o que estará para acontecer?

Antonieta sentia o coração apertado. Rodolfo lhe era muito mais caro do que ousava admitir, e o perigo que parecia rondar o homem amado roubava-lhe igualmente o sossego. Entretanto, mais enérgica que Valéria, decidiu pôr fim àquela incerteza.

- Acalma-te, Valéria. Escreverei um bilhete a teu irmão, pedindo-lhe que venha falar comigo; para mim ele dirá a verdade.

Tendo traçado algumas apressadas linhas, ela voltou para junto de sua amiga, cuja agitação se havia transformado em visível mal-estar. Antonieta insistiu para que ela se acomodasse num divã e soltou-lhe os cabelos, a fim de dar maior conforto àquela cabeça assombrada por maus presságios; por fim, cobriu-lhe os pés gelados com uma manta. Mal acabava de ocupar-se de Valéria, um criado surgia à porta, para comunicar-lhe que o jovem conde esperava por ela no terraço.

Apoiado contra uma coluna, Rodolfo tinha os braços cruzados, a cabeça baixa e os olhos no chão. Permaneceu assim, imóvel, até que Antonieta tocou levemente seu braço.

- O que está acontecendo? Dize-me, por caridade - a jovem pediu, ansiosa, ao notar a palidez do rosto do rapaz e a maneira como aquele semblante querido se contraía nervosamente.

Tomando-o pelo braço, Antonieta fez com que Rodolfo a acompanhasse até um banco, onde os dois jovens se sentaram lado a lado.

- Sejai franco, meu amigo - a jovem pediu, tomando a mão do moço entre as suas. - Algo que vos afeta dessa maneira não pode ser mantido em segredo eternamente. Confiai em um coração devotado.

- Não mereço vossa amizade, Antonieta - ele murmurou entredentes. - Sou um miserável e tenho grande responsabilidade na desgraça que paira sobre nossa família. Só mesmo um tiro de pistola contra meu próprio peito poderá livrar-me da vergonha que nos ameaça. Contudo, rogo-vos que não abandonéis Valéria, a vítima inocente de toda essa situação, nesse momento em que o infortúnio nos atinge.

- O que acabais de dizer não é digno de um cavalheiro, de um homem decente - a jovem respondeu, após deixar escapar um grito abafado. - Cometestes um erro, é o que dizeis, mas reparamos um erro com um crime? Jurai-me que esqueceréis de vez esse pensamento fatal! Ou será necessário que eu vos diga que a bala que transpassasse vosso coração atravessaria também o meu?

O jovem conde estremeceu ao ouvir aquelas palavras, e um lampejo de terna alegria iluminou-lhe o semblante abatido.

– Antonieta, querida minha, não podes imaginar o que sinto neste instante. Quisera dedicar toda minha existência a fazer-te feliz... No entanto, nem mesmo um nome honrado terei mais a oferecer-te. Mas agora que sabes que eu te amo, hei de revelar-te toda a verdade. Não és mais apenas minha companheira de infância, és também a metade de minha alma e tens, portanto, direito à minha total confiança.

Rodolfo trouxe a jovem para junto de si e lhe expôs brevemente, em voz baixa, o cenário dos negócios da família e as peripécias dos últimos dias, que haviam culminado na inacreditável proposta de Samuel.

– Compreendes, Antonieta, que nem eu nem meu pai tivemos coragem de sugerir a Valéria tal sacrifício, que equivaleria a uma pena de morte? Como seria difícil prosseguir vivendo depois de tal desonra!

A jovem ouvia, palpitando de emoção, e empalideceu às últimas palavras do conde.

– Não, não, Rodolfo! Eu te repito: não se pode reparar um erro com um crime. Quem me dera eu já tivesse atingido a maioria para poder tirar-te dessa situação. Mas não posso pedir a metade da minha fortuna ao meu tutor, apesar de ele ser um homem muito bondoso.

– Acreditas mesmo que eu aceitaria semelhante sacrifício? – interrompeu Rodolfo impetuosamente.

– Não te irrites, meu querido. Tratemos de conversar com calma – Antonieta deslizou a mão pela fronte úmida do rapaz. – Nada neste mundo poderá impedir nossa união, pois nos amamos de verdade. Por outro lado, creio que é nosso dever colocar Valéria a par dessa situação, antes que a ruína recaia sobre esta família. Não te desespere; sinto que tudo se resolverá. Deus há de ter piedade de nós.

– Meu anjo de bondade! – exclamou o rapaz, apertando-a de encontro ao peito. – Como poderia eu duvidar da misericórdia de Deus, quando permite que minha vida se ligue à tua neste momento de tanta angústia? Vai e expõe a terrível realidade à minha pobre irmã, para que ela própria decida o seu futuro, e o nosso.

Agitada e com o coração cheio de pesar, Antonieta dirigiu-se aos aposentos da amiga. Parando por um momento à porta, contemplou, com tristeza e admiração, Valéria estendida no divã, entre adormecida e desperta.



Estava linda naquela postura de graça e abandono. Seus longos cabelos loiros e soltos, que se estendiam até o tapete, cintilavam à luz de uma lâmpada a gás que pendia do teto, à semelhança de uma cascata dourada a derramar-se. “Como é bela minha amiga”, Antonieta disse de si para si, suspirando profundamente. “Não há dúvida de que é capaz de despertar num homem uma paixão insensata! Mas como dizer-lhe que é ela quem deve se sacrificar pela felicidade de todos, aceitando casar-se com esse judeu detestável?”

Aproximando-se da sonolenta condessa de M., a amiga inclinou-se para beijar-lhe a fronte.

– És tu, Antonieta? – indagou Valéria, abrindo os olhos e endireitando-se no divã. – Demoraste tanto! Percebo em teu semblante que Rodolfo te revelou nada de bom...

– Tens razão, minha pobre amiga – confirmou Antonieta, indo sentar-se ao lado da moça, cujas mãos tomou nas suas. – Tenho dolorosas notícias para ti. Estás preparada para ouvir toda a verdade?

– A pior verdade é preferível a essa torturante incerteza, a essa espera por algo que desconheço – respondeu Valéria, munindo-se de toda coragem possível. – Fala! Estou preparada para ouvir tudo e para fazer qualquer sacrifício.

Com toda a delicadeza que sua afeição pela jovem condessa lhe inspirava, a senhorita de Éberstein revelou a terrível verdade, constatando, preocupada, a palidez da amiga e o tremor nervoso que pouco a pouco se foi apoderando dela. Ao saber da condição imposta por Samuel, Valéria deixou escapar um grito, ao mesmo tempo em que saltava do divã, como que impulsionada por poderosa mola.

– Casar-me com Maier? Isso não seria um sacrifício, mas uma tortura eterna! Se fosse o caso de morrer... Mas ter que viver com esse judeu asqueroso e detestável!

Ela se pôs a caminhar pelo espaçoso aposento, ora sufocando soluços, ora apertando as próprias mãos em silenciosa exasperação. Subitamente, deteve-se diante de Antonieta, que chorava em silêncio.

– Escuta – Valéria murmurou, e seus olhos brilhantes espelhavam a febril agitação que reinava em seu mundo interior. – Não me vejo no direito de deixar destruir meu pai e meu irmão. Todavia, todo condenado tem o direito a um derradeiro pedido de misericórdia, e é isso que vou

tentar. Irei hoje mesmo rogar a Maier que nos conceda um prazo maior, sem que eu tenha que conceder minha mão, pois é certo que nossa união não lhe poderia trazer felicidade alguma.

Tomada de assombro, Antonieta segurou as mãos da amiga.

- Queres mesmo tentar essa loucura? Mas onde e como poderás encontrar esse homem?

- Já pensei em tudo - interrompeu Valéria com impaciência. - O palacete do banqueiro não fica muito distante de nossa residência, e há nele um enorme jardim, cercado por muros. Numa viela que passa ao lado desses muros há uma pequena porta que dá acesso aos jardins, e que permanece sempre aberta até a meia-noite, em deferência aos visitantes que desejem entrar sem serem notados. Por que tanto espanto, Antonieta? Foi Rodolfo quem me revelou tais detalhes, incapaz de prever que um dia eles me poderiam ser úteis. Pois bem, é por aí que pretendo entrar. Samuel ocupa o andar térreo, e seus aposentos, ao que me parece, comunicam-se com o jardim. Irei procurá-lo e conversarei com ele.

- Estás disposta a arriscar-te a comparecer desacompanhada a uma entrevista com esse homem ensandecido de amor por ti? Será uma enorme imprudência te expores dessa maneira! És bela demais para que ele renuncie a ti, e ver-te servirá tão somente para excitar sua paixão louca.

- Não te esqueças de que ele me deseja por esposa e que sabe que nos encontramos em sua total dependência - Valéria respondeu, com um amargo sorriso nos lábios. - Ele não atentaria contra minha honra. Mas, por via das dúvidas, não estarei desarmada - ela caminhou até a escrivaninha e retirou de uma das gavetas um pequeno revólver com que Rodolfo a presenteara. - Além disso, para que te tranquilizes de vez, irás comigo. Permanecerás junto à pequena porta de que te falei e darás o alarme caso me ouças gritar. Apenas te peço que não tentes me deter, nem me retardes, pois talvez eu consiga! Costuma-se dizer que o pranto da mulher amada é capaz de amolecer até o mais inflexível dos homens. Se ele me ama de fato, há de ceder às minhas lágrimas, ou quem sabe seu orgulho de judeu se satisfará com minha humilhação? Ah, como odeio esse homem pelo rebaixamento que nos impõe!

- Já pensaste que pode haver mais gente naquela casa, e que poderemos ser reconhecidas? - objetou Antonieta, atemorizada ante a exaltação febril da amiga.

- Não, não. Quem ele receberia poucos dias após a morte do pai? Agora, apressemo-nos. Já são nove e meia da noite e a lua começa a se erguer no céu. É o melhor momento! Vem, Antonieta, ajuda-me a arrumar os cabelos. Em seguida, cobriremos a cabeça e o rosto com estes véus negros. Não pretendo trocar de roupa, pois receio aguçar a curiosidade da camareira.

A senhorita de Éberstein não fez mais nenhuma oposição. Com as mãos trêmulas, pôs-se a trançar os cabelos de Valéria. Em seguida, as duas jovens cobriram-se com mantos de seda negra e colocaram mantilhas da mesma cor sobre a cabeça. Então, sem fazer ruído, desceram do terraço para o jardim. Lá embaixo, caminharam até uma portinhola fechada por dentro a ferrolho e que costumava ser usada pelos jardineiros. Ao alcançarem a rua, acenaram para o primeiro coche de aluguel. Assim que o veículo parou, as moças subiram e ordenaram ao cocheiro que as levasse até a ruazinha contígua ao jardim do banqueiro.

As duas não trocaram uma única palavra ao longo do trajeto. O estado moral de Valéria lhe tirava a capacidade de raciocinar. Frágil e exaltada por natureza, mimada e adulada por todos que a cercavam, a jovem condessa não pudera contar com a presença de uma mãe cuja afeição equilibrada tivesse atenuado suas tendências impulsivas, educando-as. Além disso, o vigor da disciplina não era coisa que caracterizasse a parenta idosa que se ocupara de sua educação, após a morte prematura da mãe. Desse modo, Valéria havia crescido sem desenvolver aquele freio íntimo que permite à razão regular os impulsos espontâneos. Igualmente órfã desde a infância, Antonieta por sua vez era uma pessoa de natureza honesta e reta, embora arrojada e amante do perigo, assim como das grandes resoluções. Naquele momento, seu coração batia apressado. Estaria mentindo se negasse que havia dado seu consentimento à amiga, acompanhando-a em uma aventura que na verdade deveria impedir, a todo custo. Mas o irresistível apelo romântico daquela ação arriscada a seduzira, e a esperança de salvar Rodolfo, aliada ao desejo de evitar uma união tão comprometedora, tinha conseguido calar seus derradeiros escrúpulos.

A parada do coche arrancou as duas jovens das reflexões em que se achavam mergulhadas. Uma vez fora do veículo, ordenaram ao cocheiro que esperasse por elas na esquina da rua e se dirigiram a passos rápidos rumo à pequena porta indicada por Rodolfo; encontraram-na aberta, como ele dissera.

- Espera-me aqui neste recanto escuro e roga a Deus que me ajude - Valéria pediu, apertando as mãos de Antonieta.

Sem esperar resposta, pôs-se a caminhar ao longo de uma alameda ladeada por árvores seculares.

Deixando-se guiar pela desesperada resolução que a animava, Valéria buscava orientar-se pelas árvores e veredas do jardim desconhecido, deserto e silencioso, em busca do caminho da casa. Ao atingir ampla clareira, que a luz do luar iluminava, a jovem parou de repente, estremeendo. Ao redor de uma fonte que jorrava sobre uma bacia de mármore, havia um canteiro de flores; pequenos atalhos serpenteavam por entre estátuas e laranjeiras em flor, conduzindo a uma varanda elevada, a qual dava acesso aos aposentos do andar térreo; naquela varanda, igualmente ornada por arbustos raros, via-se uma mesa repleta de livros e documentos, ao lado da qual estava um homem sentado em uma poltrona. Ele, contudo, não trabalhava naquele momento. A luz de uma lâmpada a gás deixava entrever claramente seus cabelos muito negros e anelados, bem como a parte inferior de seu rosto, o queixo apoiado sobre as mãos. Próximo a seus pés, um grande cão de guarda estava estendido sobre uma esteira.

Tendo avistado aquele que viera encontrar, Valéria parou por um instante, imóvel, como se tivesse os pés fincados no chão. Em seguida, apoiou-se vacilante contra o pedestal de uma estátua a seu lado. Em que estaria pensando aquele homem terrível e detestável? A lembrança da perda do pai, ferido de morte pela perspectiva da conversão do filho ao cristianismo, ou um novo plano para destruir e humilhar suas vítimas? Toda a suposta coragem de Valéria se desvaneceu; a ideia de falar a Samuel, de humilhar-se perante ele, atingiu-a como um choque, fazendo-a despertar para a embaraçosa realidade da situação que estava prestes a enfrentar. Tomada pela vergonha e pelo medo, que a faziam tremer, deu meia volta, decidida a ir embora. Mas era tarde demais: a audição apurada do cão de guarda da casa havia registrado o farfalhar da seda de seu manto, roçando o tecido contra o mármore do pedestal a seu lado. O animal ergueu-se, alerta, e disparou em direção ao jardim. Em instantes, rosnava furiosamente, avançando contra uma jovem petrificada de pavor.

Estupefato, Samuel ergueu a cabeça e chamou o animal. Ao notar que este se movimentava ao redor de algo impossível de ser distinguido do

terraço onde estava, caminhou em direção ao cão; porém, ao perceber que era uma mulher que ele atacava, correu em sua direção.

- Para trás, Marte! - ordenou, segurando o animal pela coleira.

Com crescente assombro, o rapaz examinou a desconhecida, que permanecia imóvel ao pé da estátua e cujos trajes evidenciavam tratar-se de uma dama da alta sociedade.

- Quem sois? Por que razão viestes se perder aqui? - ele indagou, dando de ombros ao não receber resposta. - Por acaso sois muda, senhora? A quem procurais?

- A vós - Valéria respondeu, dando alguns passos e retirando a mantilha de renda que lhe ocultava os cabelos. Impedida de fugir, viu-se forçada a recuperar a resolução desesperada que a levava até ali.

Ao reconhecer a mulher que lhe roubara o sono, cujos olhos de safira lhe haviam feito esquecer tudo o mais na vida, Samuel recuou, como que atingido por um raio.

- Que fazeis em minha casa numa hora dessas, condessa? Oh... Imagino que não será para me restituir a paz.

- Estais enganado, senhor Maier, pois estou sim em missão de paz. Tudo o que deveis fazer é ter boa vontade para aceitar a proposta que vos trago - Valéria respondeu em voz baixa e trêmula. - Venho pessoalmente suplicar-vos que concedais a meu pai um prazo que lhe permita liquidar sua dívida, e sereis credor de minha gratidão por toda a vida. Vim aqui para vos implorar em favor dele - acrescentou, estendendo as mãos delicadas em posição de prece, na direção dele.

Os olhos do rapaz fitavam, fascinados, aquele semblante adorado, que a emoção tornava ainda mais sedutor. Diante das palavras de Valéria, porém, ele cruzou os braços e franziu o cenho:

- Vejo que vosso pai vos revelou toda a verdade - comentou em tom firme, mas calmo. - Não ignorais, portanto, que tendes nas mãos a salvação da fortuna e da honra de vossa família.

- Mas a que preço? - ela reagiu. - O que exigis é impossível!

O jovem sorriu amargamente.

- O que fazer, condessa? A conquista da felicidade é sempre árdua. Acreditais que é menor o preço que pagarei para conquistar a mulher que tive a insanidade de amar?

- Como pode o sacrifício material comparar-se à venda de uma

alma? – Valéria o interrompeu. – Menosprezais o preço da humilhação e do inferno moral de toda uma vida, quando tudo que tereis a fazer será perdoar uma dívida em dinheiro? Oh, peço-vos que me desculpai: ia me esquecendo de que para um homem de vossa raça esse deve ser o maior de todos os sacrifícios, e muito me admira que vosso gosto judeu se tenha desviado a ponto de amar uma cristã falida – ela acrescentou, com ironia e desconsideração.

Um leve rubor coloriu as faces pálidas de Samuel:

– Tendes, razão, condessa – respondeu, sem perder a calma. – É loucura aspirar à mão de uma mulher que lança tanto desprezo no rosto daquele que a ama. Contudo, não tenho dúvida de que vos equivocais em acreditar que um homem de minha raça não seja capaz de sacrificar muito mais que esse ouro que os cristãos se mostram tão hábeis em dissipar. Abro mão de muito mais que isso, senhorita! A oferenda que depus no altar de meu amor por vós foi a vida de meu pai, que não pôde sobreviver à minha decisão de converter-me ao cristianismo. Ele não pôde suportar a perspectiva de ver seu único filho tornar-se um renegado aos olhos do seu Deus, de sua raça e de sua família. Mas deixai-me acrescentar que nenhum homem é responsável por nascer nesta ou naquela religião. Há muito tempo que adoto os costumes cristãos por gosto e hábito. Além disso, a educação, que é o que de fato diferencia os seres humanos uns dos outros, faz de mim alguém igual a vós. Por isso, não posso entender que cometo algo tão revoltante querendo desposar uma cristã, que não me poderá oferecer mais do que sua própria pessoa, quando por ela eu renuncio à minha religião, e a cuja família restituirei a paz e a fortuna, uma vez que sou seu único credor. É verdade que meu sacrifício é voluntário, senhorita Valéria, mas nem por isso é menor que o vosso. Eu o abraço por amor, o que vos é e será sempre uma garantia para o futuro, pois a senhorita poderia cair em mãos bem piores e menos dignas do que as minhas. Acreditais não haver, entre os cristãos, maus maridos, homens sem fé nem lei?

Diante dessas palavras, que atestavam ser a decisão do banqueiro irrevogável, o nervosismo de Valéria chegou ao auge. Ela tremia, seu coração palpitava e um desespero mesclado à cólera quase lhe roubava a razão:

– Ah, como sois impiedoso! – ela exclamou, levando ambas as mãos à cabeça. – Foi inútil vir até aqui. Vós me falais de coisas que não podem anular o estigma de vossa origem. Não de dizer para sempre que me casei com

um judeu! Será que não sois capaz de compreender que nenhuma riqueza e educação, por maior ou melhor que sejam, serão capazes de eliminar o abismo que existe entre nós? Céus, podeis encontrar outra mulher! Se vosso amor é tão grande quanto apregoais, salvai minha família da desonra sem que para isso eu tenha que me submeter a uma união que me inspira a mais completa e intolerável aversão. Sede generoso, senhor Maier, e passarei a vos considerar um amigo, ainda que a... – e a voz lhe faltou.

– Ainda que a contragosto – completou Samuel, que cambaleara como que atingido por um tiro ao ouvir a admissão impiedosa e imprudente da jovem.

– Não, não. Com reconhecimento! – ela apressou-se a corrigir. – Quero acreditar em vossa grandeza de espírito, e nenhuma humilhação será demasiada para mim se eu puder garantir a salvação dos meus.

Exaltada e abalada pelas múltiplas emoções daquele dia, e sem discernimento para compreender o que fazia, Valéria deixou-se cair de joelhos.

– Vede! É a vossos pés que suplico que me tireis a vida, mas salvai minha família!

Agitado, o rapaz passou a mão trêmula pela face, salpicada de suor. Seu primeiro ímpeto foi o de aproximar-se da condessa e colocá-la em pé, mas conteve-se, e deu um passo atrás:

– Não ouseis erguer-vos com minhas mãos impuras, condessa – ele murmurou em voz baixa e repleta de amargura. – Sou forçado a ver uma mulher ajoelhada aos meus pés porque prefere a morte a aceitar o amor que lhe ofereço de todo coração. Mas apesar de todos os ultrajes que me lançastes em face, não renunciarei a vós, porque vos amo como sois: impiedosa e cruel, vítima cega de um maldito preconceito... Eu jamais vos tiraria a vida, pois desejo que vivais para mim!

Valéria ergueu-se bruscamente, num gesto que arrancou a presilha que segurava seu manto, fazendo-o cair no chão, o que ela sequer notou; com olhos em chamas, levantou a mão:

– Que a maldição caia sobre vós e sobre tudo quanto vierdes a fazer na vida, homem sem compaixão! – ela exclamou com voz entrecortada.

Dando meia-volta, pôs-se a caminhar em direção a um dos atalhos que levavam à porta principal da propriedade. Mas não andou nem dez passos quando as forças lhe faltaram; sua cabeça rodava, a vista escureceu e ela caiu por terra, desfalecida.

Maquinalmente Samuel apanhara do chão o manto de Valéria e a seguira; ao vê-la cair sem sentidos, porém, esqueceu-se de tudo, correu, tomou-a nos braços e levou-a até um banco do jardim. Constatando que a jovem demorava para voltar a si, acomodou-a sobre o assento, tendo o cuidado de repousar sua cabeça sobre o manto, enrolado, e correu até seus aposentos, de onde trouxe um cálice de vinho e um frasco de essências, para que a condessa os aspirasse.

Passados alguns minutos, Valéria abriu os olhos, mas seu olhar parado e sua fraqueza evidenciavam que uma completa prostração resultara de sua agitação desesperada. Sem forças para reagir, deixou que Samuel lhe desse um pouco de vinho para beber. Quando o rapaz tentou ajudá-la a levantar-se, porém, a condessa tombou, exaurida. Agitado, o banqueiro correu a mão pelos cabelos.

- Que devo fazer? - murmurou. - Donzela insensata, não imaginastes que alguém poderia ter-vos visto aqui? Teríeis colocado em risco vossa reputação! Vamos, vamos, não tremais dessa forma! Dizei-me como viestes parar aqui! Tendes, lá fora, uma carruagem ou alguém à vossa espera?

- Junto à pequena porta que dá para o jardim está minha amiga Antonieta - Valéria conseguiu dizer num fio de voz, com esforço.

Samuel dirigiu-se sem demora à porta indicada. Abrindo-a, detectou uma silhueta feminina que se ocultava na escuridão.

- Sois a senhorita Antonieta? - ele indagou.

- Sim - ela confirmou. - Por Deus, dizei-me onde está Valéria!

- Com todas essas fortes emoções, ela passou mal. Admira-me, senhorita, que a tenhais apoiado numa iniciativa que pode ser tão mal interpretada. Uma carruagem vos espera?

- Sim, pedimos ao cocheiro que aguardasse por nós na esquina.

- Muito bem. Vinde comigo, senhorita. Serenai vossa amiga e decidi se ela está em condições de voltar para casa.

Samuel retirou do bolso do colete o relógio e conferiu as horas à luz do lampião:

- É importante que nos apressemos: são quase onze horas da noite e alguém poderia dar por vossa falta na residência do conde. Vamos depressa, senhorita.

A despeito de sua inquietação, Antonieta ainda lançou um olhar curioso sobre o jovem israelita, a quem não conhecia senão de nome, e que



tinha nas mãos o futuro de seu amado Rodolfo e sua própria felicidade. Samuel Maier lhe causou uma primeira impressão bastante favorável. Belo e elegante, o banqueiro em nada correspondia à imagem do judeu sórdido e repugnante que sua imaginação havia criado. Sentia-se agora um pouco mais tranquila ao acompanhar o bem-educado milionário. No entanto, ao deparar-se com Valéria prostrada sobre o banco, qual enferma, a amiga lançou-se sobre ela, preocupada:

- Fada querida, como te sentes? - indagou, tomando suas mãos. - Vamos, anima-te! Precisamos voltar para casa. Consegues andar?

- Tentarei - murmurou.

Auxiliada pela amiga, ela ergueu-se e ensaiou alguns passos vacilantes. Uma súbita fraqueza, porém, dominou-a, e ela teria caído se Samuel não a houvesse amparado.

- Meu bom Deus! - Antonieta exclamou. - Ah, é fácil deduzir que o sacrifício de minha amiga foi em vão e que permaneceis insensível à desgraça dessa família.

- Não me condeneis antes de haver refletido com cuidado, senhorita - Samuel disse com firmeza. - Procurai imaginar-vos no meu lugar e dizei: se amásseis, seríeis capaz de renunciar à criatura que vos é mais cara que a própria vida?

Na mente de Antonieta resplandeceu a imagem querida de Rodolfo:

- Sinceramente, não...

- Então, tende indulgência para com minha fraqueza, senhorita. Mas agora, apressemo-nos. Levarei a condessa Valéria até o coche e zelarei por vossa segurança até chegarmos ao jardim do conde.

Sem aguardar autorização para fazê-lo, ergueu Valéria, que não oferecia qualquer resistência, nos braços, e dirigiu-se à saída. Aturdida pelos sentimentos mais contraditórios, a senhorita de Éberstein o seguiu; ela o observava entre curiosa e desconfiada. Sua natural retidão de caráter não lhe deixava alternativa senão reconhecer que, por suas maneiras e aparência, Samuel Maier em nada diferia dos rapazes de suas relações sociais. A elegância despojada que o caracterizava em nada lembrava o tipo da raça repugnante e embrutecida que ela havia encontrado nas cidadezinhas próximas às suas terras. A mão branca e bem-cuidada, que se destacava sobre o manto negro de Valéria, não trazia um único anel, contrariando a ideia de ostentação que Antonieta formara em relação aos judeus. "Tenho que

admitir que ele não é nem um pouco asqueroso como eu havia suposto”, pensou a noiva de Rodolfo. “Quem sabe se tudo não se arranja melhor do que imaginamos?”

– Por obséquio, senhorita, poderíeis pedir ao cocheiro que avance o veículo – pediu Samuel em voz baixa, assim que alcançaram a saída que dava acesso à rua lateral.

Assim que o coche parou, ele apressou-se em acomodar Valéria em seu interior. A jovem parecia nada ver nem ouvir. Samuel ajudou Antonieta a entrar e só então tomou assento no banco da frente e fechou a portinhola.

– Tenho que ajudar a transportar vossa amiga até o jardim do palácio – o rapaz informou, dirigindo-se a Antonieta como que a desculpar-se. – Não tereis força para fazê-lo sozinha.

Minutos mais tarde chegavam à residência do conde; Antonieta foi a primeira a descer e, após dar uma moeda de ouro ao cocheiro, caminhou em direção à casa e abriu uma porta lateral usada pelos criados, constando que não havia ninguém nos jardins e que o silêncio reinava absoluto.

– Depressa, trazei Valéria! – pediu a Samuel.

Ele retomara seu doce fardo nos braços, e seguiu a jovem até um caramanchão, onde havia um banco.

– Deus seja louvado! – exclamou Antonieta, fazendo o sinal da cruz. – Agora, senhor Maier, aceitai meus agradecimentos e deixai o mais depressa possível esta casa.

Com um longo suspiro e sem uma palavra, o rapaz dirigiu-se imediatamente para a porta por onde entrara. Ao alcançá-la, deteve-se por um instante.

– Senhorita, queira transmitir um recado meu à condessa Valéria, que me parece estar sofrendo muito. Dizei que lhe concedo o prazo de oito dias para refletir e tomar uma decisão definitiva. Dizei-lhe também que faz mal em repelir um homem, que a ama com toda a força de sua alma, em nome de um preconceito indigno do século em que vivemos!